

terra da gente

Informativo da Fundação Renova com as comunidades
de Barra Longa, Gesteira e Barreto
Nº 10 - MARÇO/2020

**Qual será o futuro da nossa
Praça Manoel Lino Mol? • pág. 6**

Maria do Socorro dedica parte do seu tempo
para cuidar da Praça Manoel Lino Mol,
cartão postal de Barra Longa

Foto: Daniela Etrusco

**Projeto “Escola Fora da Escola” incentiva
protagonismo juvenil • pág 2**

Tradição da Folia de Reis em Barreto • pág 8

Projeto “Escola Fora da Escola” incentiva a formação de jovens

Em entrevista ao Terra da Gente, a direção da Escola Estadual Padre José Epifânio Gonçalves, representada pela diretora Cilésia Maria de Oliveira Carvalho e a vice-diretora Ângela Maria de Souza Luz, conta a experiência de 2019 para resgatar e fortalecer o protagonismo juvenil dos estudantes a partir de visitas elaboradas por eles às comunidades vizinhas onde residem.

Terra da Gente: O que é a formação de jovens lideranças na escola?

Direção: É o resultado de uma resolução da Secretaria Estadual de Educação, de 2016, que veio orientar e fortalecer a participação juvenil nas escolas por meio do processo de eleição de representantes de turma. Todo início de ano temos eleições.

TdG: Qual o papel do representante de turma?

Direção: É representar a turma em todas as situações formais e não formais dentro da escola. Junto a um professor referência, os alunos eleitos formam um conselho que cria um plano de ação para atender às demandas internas. Eles são os interlocutores entre seus colegas de sala e toda a comunidade escolar.

TdG: Como esse projeto começou?

Cilésia: Quando eu comecei a trabalhar aqui, em julho de 2019, tudo já estava organizado. A Ângela, junto aos professores, fez um diagnóstico pelo qual foi possível perceber que a principal fragilidade era a pouca participação das comunidades na escola. Tanto de dentro para fora, como de fora para dentro. São 25 no total, sendo 20 rurais e cinco de Barra longa. Se a escola não conhece as comunidades e as comunidades não conhecem a escola, fica difícil promover uma conexão.

TdG: Como vocês resolveram esse impasse?

Cilésia: A partir do levantamento, convidamos os representantes para uma conversa, ouvi-los e apresentar a proposta dos encontros nas comunidades: por que não levar a escola até as comunidades em visitas organizadas pelos próprios alunos? Todos adoraram!

TdG: E como isso foi feito?

Direção: Chamamos os estudantes do 6º ano ao Ensino Médio para que nos apresentassem suas comunidades. O critério era mostrar o que havia de melhor nelas. A partir desse norte, eles planejaram as ações: **1.** O que vamos mostrar da nossa comunidade para escola? **2.** Onde vamos receber a escola? **3.** Como vamos receber a escola? Demos algumas orientações e depois eles ficaram livres para combinar com o professor referência e nos informar as decisões.

expediente

Jornalista responsável:
Júnia Carvalho - Reg. 4247 - MG

Reportagem
Leandro Bortot
Letícia Mendanha

Projeto Gráfico:
Coletivo É!

Direção de arte:
Zéu Coscarelli

Grupo de Comunicação:
Maria Aparecida Costa Ferreira, Lucas da Silva, Seu Dé (José Geraldo Ferreira), Adriany Ferreira, Ramon Ferreira, Geraldo Birraia, Aline Aparecida, Teteca (Maria Aparecida), Roandes Geraldo Martins e Onésima Mourthé

Colaboração: **queremos que você participe e nos ajude a construir este jornal. O seu nome também pode estar aqui na próxima edição.**

Revisão:
Tucha

Tiragem:
1.500 exemplares

As opiniões expressas no jornal da Fundação Renova, por parte de entrevistados e articulistas, não expressam necessariamente a visão da Renova em relação aos temas abordados, sendo, portanto, de responsabilidade de seus autores.



TdG: E como foram as visitas?

Direção: Infelizmente, em 2019 só conseguimos visitar a comunidade Dobra.

É a mais distante, fica a cerca de 30 km, onde tínhamos grandes desafios de aprendizado, de comportamento e compromisso com o ambiente escolar. Agendada a visita, fomos eu, Ângela e Wanderlei, que é um servidor da casa.

TdG: Como a comunidade Dobra recebeu vocês?

Ângela: Me surpreendeu muito! Foi muito bom!

Cilésia: Temos mais de 20 estudantes nessa comunidade e estavam todos lá! Vieram nos receber no carro, na maior empolgação. Fomos ao pátio da escola infantil e lá estava cheio de cadeiras, tudo bem organizado. Não havia representantes da escola infantil, somente as crianças, tamanha a confiança da direção em entregar as chaves para eles. Os moradores

ficaram em volta, nos observando. Eles não acreditavam que a gente ia.

Ângela: A primeira atividade deles foi nos apresentar uma roda de congada que eles participam e foi tudo muito lindo! Ao final, nos chamaram para assistir a uma partida rápida de futebol. O que mais me encantou foi que no jogo não tinha juiz e, mesmo assim, não houve discussão. Eles respeitaram direitinho as regras!

TdG: O que aconteceu depois do jogo?

Cilésia: Convidaram um senhor para contar um pouco sobre a história da comunidade e como os alunos se organizaram para receber a gente. Aos poucos, os moradores que estavam nos observando foram entrando na escola.

O pátio, que estava cheio de cadeiras vazias, ficou cheio. Agradeceram a nossa presença, falaram da importância deste encontro e nos convidaram para um lanche.

Ângela: Nunca vi uma mesa tão farta! Cada morador doou uma coisa. Tinha bolo, biscoito... Tudo caseiro, além de suco e refrigerante. Tinha de tudo!

TdG: Como vocês acham que esta visita mudou a vida dessas pessoas?

Cilésia: Toda transformação verdadeira é um pouco lenta, né?!

Mas, consigo perceber uma autoestima maior. Eles sabem que não são invisíveis mais. Vejo que eles têm um potencial muito grande que deve ser explorado.

Ângela: Eu percebi que eles começaram a se aproximar mais: dão um bom dia, um abraço... Muitos que eram mais distantes estão se aproximando.

Cilésia: Eles sentem que “se eu sou visto, eu também vejo!”.

TdG: Quais as expectativas para 2020?

Cilésia: Temos a preocupação de ir em todas as comunidades.

Esse projeto é um plano de ação da juventude. Carinhosamente chamamos de a “Escola fora da escola” ou “Protagonismo Juvenil”. Em 2020, vamos recomeçar com tudo e o nosso objetivo é o protagonismo e a formação desses jovens como lideranças aqui e nas comunidades onde vivem.

Ângela e Cilésia: direção quer aproximar a escola das comunidades

Foto: Daniela Etrusco





Esporte é o caminho

Toda quarta-feira, das 17h às 19h30, é momento de ansiedade e alegria para crianças de 8 a 15 anos que fazem parte do projeto social da Escolinha de Futebol do Esporte Clube Barralenguense. O projeto, que nasceu há cerca de 20 anos e é uma extensão do clube local, foi retomado em 2019 após a reinauguração do campo e oferece aulas gratuitas de futebol para crianças e jovens da cidade.

A escolinha é coordenada pelo conselho do clube e chegou a atender, nos tempos de ouro, aproximadamente 150 jovens. Apesar da falta de incentivo financeiro, voluntários como Edson Antônio Gomes, também conhecido como Dinho, seguem firmes no propósito de contribuir para que os atuais 65 alunos sejam agentes de mudança deles mesmos, de suas famílias e de sua condição social.

“O projeto social busca o envolvimento dos pais nas atividades dos filhos, estimula a socialização, a disciplina, o trabalho em equipe e o respeito, além de proporcionar situações que motivem eles a aprender com os erros e a conquistar o que desejam”, afirma Dinho, que é o professor das equipes Sub-15 e Sub-12.

Dinho se emociona ao falar das crianças e considera sua “experiência valiosa”. Sem medir esforços, é ele quem lava as camisas e os coletes usados nos treinos, corre atrás de doações de chuteiras, meias, blusas e bolas, além de convidar profissionais de outras cidades para ensinar técnicas e fundamentos do

ICMS em benefício do Esporte

Com o auxílio do programa de incubação e acompanhamento de negócios promovido pela Fundação Renova e aplicado pelo IEBT, a escolinha

Imagem: Divulgação



Atenção: este projeto não é patrocinado pela Fundação Renova.

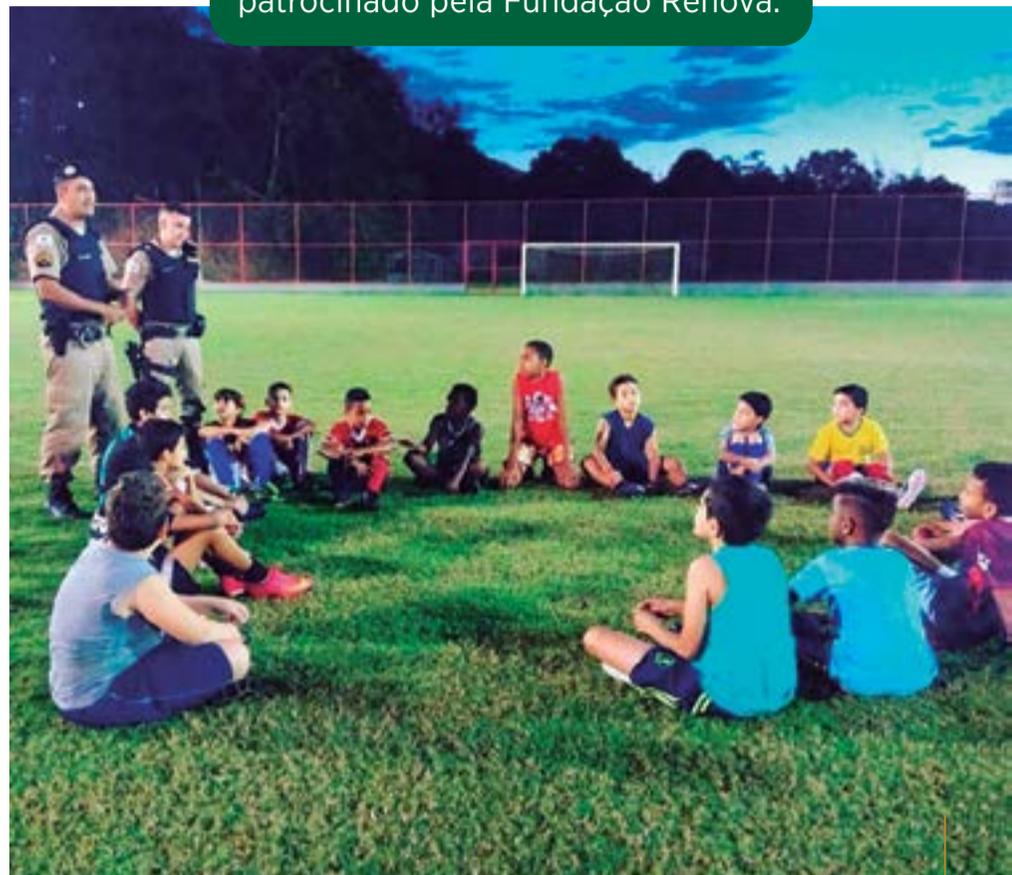


Foto: Divulgação / Instagram @escolinha_do_barralenguense

Além dos treinos, os alunos recebem palestras para o desenvolvimento pessoal

futebol para as crianças. “A gente acaba criando um vínculo com eles”, afirma, mas o professor também deixa claro: “para permanecer no projeto, precisa ir bem na escola”. Até os pais usam os treinos como forma de educar os filhos, proibindo-os de participar quando fazem algo de errado. E os meninos e as meninas, espertos que são, estão aprendendo, dia a dia, a serem estrelas dentro e fora do campo.

Siga o projeto no Instagram:
@escolinha_do_barralenguense.

foi aprovada na Lei Estadual de Incentivo ao Esporte, que possibilita às empresas contribuintes do ICMS obter incentivo fiscal. Isso significa destinar o que seria pago em impostos para projetos esportivos aprovados pelo Governo de Minas.

O projeto está em fase de busca de investidores. Se você tem uma empresa na cidade ou na região e paga ICMS, você pode destinar esse recurso para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, além de ser uma boa propaganda perante a sociedade. Procure a direção do clube e apoie!



Amigos com uma paixão em comum: cavalos!

“Tudo começou como uma alternativa de lazer entre amigos”, explica Deivison de Jesus Severino. Duas ou três vezes na semana eles se juntavam para andar a cavalo e se divertir indo de bar em bar, entre risadas e um bom forró. A partir de 2018, Deivison começou a sonhar com a criação de um grupo de cavaleiros que levaria o nome de “Comitiva Amigos de Fé”. A ideia era agregar pessoas de outras regiões para momentos de confraternização.

Em 17 de outubro, o sonho dele virou realidade. É que aconteceu o 1º Encontro de Cavaleiros no parque de exposições, espaço cedido pela Prefeitura de Barra Longa. A expectativa era receber de 800 a 1.000 pessoas, mas, segundo Deivison, compareceram mais de 1.800 cavaleiros e familiares vindo de várias localidades.

Apesar de ter escutado de muita gente que a festa não daria certo, o evento foi um sucesso e Deivison planeja passos importantes para a comitiva: “Futuramente, queremos fazer outros eventos para arrecadar dinheiro, não só para as festas, mas para ajudar o próximo. Barra Longa precisa!”, comenta.

Encontro reuniu milhares de cavaleiros da região

Foto: Daniela Etrusco



Mostra Cultural na praça

Depois que jovens líderes barralonguenses receberam mentoria da iniciativa “O Futuro do Rio Doce Somos Nós”, realizada em convênio entre a Fundação Renova e o Instituto Elos, as primeiras ações do “Projeto Caminhos” começaram a sair do papel com

o objetivo de valorizar a cultura e o turismo local, afetados em decorrência do rompimento da barragem de Fundão.

Como forma de resgatar a identidade da comunidade, a Mostra Cultural Mapeando Caminhos Afetivos de Barra Longa foi realizada em 20 de dezembro

de 2019, no portal da cidade, promovendo o encontro de talentos locais como bordadeiras, cozinheiras, doceiras, benzedeiros, congadeiros, escritores, músicos e compositores. Foi um espetáculo de troca de saberes, fazeres e tradições culturais que resistem à passagem do tempo.



Por uma praça melhor

Moradores buscam respostas pela má conservação da Praça Manoel Lino Mol

A Praça Manoel Lino Mol é o cartão postal de Barra Longa. Além do seu valor histórico, ela é a principal área pública de lazer da cidade e atende a pessoas de todas as idades e classes sociais. Ela é um espaço para descansar, jogar a conversa fora, praticar exercícios físicos, comer, beber, participar de festas religiosas e se divertir com as atrações culturais que acontecem nela.

O local foi destruído pelo rompimento da barragem de Fundão, em novembro de 2015, e um plano de consulta popular chamado “A praça que queremos” convidou a população, comerciantes e representantes do Poder Público para pensarem juntos o desenho do espaço. O projeto, que atendeu à reivindicação de preservar sua identidade original, foi aprovado pela comunidade. Depois de muitas obras, em outubro de 2016, a reconstrução foi concluída e a praça voltou a ser utilizada pelos barralonguenses.

Contudo, após três anos, é comum ouvir pelas ruas da cidade que o querido cartão postal perdeu seu encanto. Para Maria do Socorro Carneiro Lisboa, que mora ao lado dele, a beleza da praça anterior não existe mais.

“Tínhamos muitas árvores, que ofereciam sombras, além de jardins floridos. Hoje, poucos se sentam aqui por causa do sol e os canteiros estão feios, não têm o cuidado que merecem. Os bancos e as lixeiras estão em péssimo estado de conservação e o cheiro de esgoto espanta as pessoas. À noite, ela é escura e há lâmpadas queimadas. Nunca vi uma praça tão abandonada”, diz a aposentada.

A opinião de Maria do Socorro é compartilhada por suas vizinhas. Reunidas, elas fazem o que podem para preservar e revitalizar o local. São verdadeiras guardiãs. Por conta própria, cultivam mudas em canteiros, água as plantas com garrafas pet e ainda chamam a atenção de quem sobe nos bancos ou brinca com as árvores que ainda estão em fase de crescimento.

Apesar de Margarida Siqueira apoiar as amigas, participar das discussões sobre o futuro da praça e de estar ciente de seu papel como cidadã, ela mesma não contribui com o mutirão, pois acredita que estas funções sejam da Prefeitura Municipal ou da Fundação Renova. “Quem for responsável, tem o papel de cuidar”, afirma, descontente.

Margarida e Maria do Socorro se preocupam com a conservação e o futuro da praça





Um pedido de ajuda

As moradoras pediram ajuda para melhorar a praça aos agentes do projeto “Barra Longa: Presente do Futuro Saudável”, realizado pelo Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD) com o apoio da Fundação Renova. O projeto é reconhecido localmente por ocupar espaços da cidade por meio de ações educativas, culturais e lúdicas, da revitalização de jardins e de pinturas de tapumes e muros, entre outras atividades de envolvimento popular.

Entretanto, após reuniões com o Poder Público local e a Renova, o grupo chegou a um impasse, pois questões levantadas pela comunidade fugiam do alcance do projeto e só poderiam ser solucionadas por estas instituições. “Elas ficam nesse jogo de empurrar as obrigações para a outra e, no fim, ninguém age. Quem perde é a gente”, afirma Margarida Siqueira. Desse modo, o grupo solicitou ao Terra da Gente que buscasse resposta à pergunta: a praça é responsabilidade de quem?

O que diz a Prefeitura Municipal



O Departamento Municipal de Obras e Transporte de Barra Longa afirma que a entrega da obra de reconstrução da Praça Manoel Lino Mol ainda não foi formalmente aceita, pois está condicionada ao atendimento da Fundação Renova para os seguintes problemas:

- Lâmpadas de LED queimadas.
- Sistema de irrigação danificado em vários pontos. Foi solicitado envio de caminhão pipa para irrigar a grama e os canteiros, ainda não atendido.
- Retirada de possível rejeito presente no córrego que passa debaixo da praça e que está impedindo o escoamento do esgoto, retornando mau cheiro nas casas dos moradores.
- Esgoto da praça está ligado em caixas de drenagem.
- Troca do modelo das lixeiras.

Nesse sentido, segundo a Prefeitura, os cuidados gerais com a praça ainda são de responsabilidade da Fundação. As atribuições municipais são garantir a limpeza e a poda da grama.

O que diz a Fundação Renova



A Fundação afirma que as pendências apontadas pela Prefeitura Municipal estão sendo averiguadas e serão executadas pela equipe que cuida da recuperação de infraestruturas da cidade atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão.

Com relação à presença da lama no sistema de drenagem da praça, até o fechamento desta edição a Fundação Renova não se posicionou sobre o assunto.



Foto: Daniela Etrusco

O que os moradores querem

“Poderiam chamar um paisagista para cuidar da nossa praça. Antes ela tinha canteiros mais bonitos, coloridos. Hoje é só verde. Eles deveriam ser reconstruídos para ficarem semelhantes aos que tínhamos antes. Queremos plantas resistentes ao sol e que fiquem floridas grande parte do ano. Hoje, cada pessoa cultiva o que acha melhor.. Não há um padrão. Também precisamos de alguém dedicado para cuidar da praça. Nós não conseguimos fazer isso sozinhas. Temos idade e outras obrigações. Fazemos hoje por amor a Barra Longa, mas não adianta deixar tudo bonito e não cuidar depois”.

Maria do Socorro Carneiro Lisboa - moradora de Barra Longa e vizinha da praça



Giro e versos de fé: a tradição da Folia de Reis em Barreto

“Num dia de chuva, um raio caiu e matou quatro crianças que brincavam em uma varanda. Após as mortes, Monsenhor Horta pediu que fosse fundada uma Folia de Reis e que ela nunca mais parasse. Só assim para evitar novos acidentes”, contam os moradores de Barreto sobre a origem da Folia de Reis da comunidade.

Logo após a recomendação de Monsenhor Horta, a festa que louva a peregrinação dos três Reis Magos - Gaspar, Belchior e Baltazar - foi fundada na década de 1930 por Antônio André Damásio e era exclusivamente acompanhada por homens. Com o passar dos anos, essa tradição foi se perdendo para dar passagem às mulheres, que também queriam participar.

Osório Raimundo da Costa, de 77 anos, e Alcides Graça da Silva, de 71 anos, são os atuais mestres e aprenderam tudo o que sabem sobre a festa com seus pais, que os levavam para os cortejos quando ainda eram pequenos. Francisco Salles Anastácio, de 69 anos, é o coordenador da igreja local. Os três são responsáveis por manter viva a tradição religiosa na comunidade. Eles contam que no início havia um grande número de foliões, o que dificultava a hospedagem e a alimentação, chegando a passar fome algumas vezes. Por causa disso, a Folia do Barreto foi dividida em duas, sendo, inicialmente, formadas por homens casados e solteiros.

Rotas da folia

O cortejo liderado pelo alegre mestre Osório é o que antes era composto somente por solteiros. Hoje não é mais assim. Ele sai no dia 28 de dezembro e retorna na véspera do Ano Novo, passando por Águas Claras, Cláudio Manoel, Serra da Luzia, São Gonçalo do Rio Abaixo, Covanca, Água Fria e Campinas. “Saímos umas 20 pessoas com roupas coloridas, o estandarte do Menino Jesus na frente, e a banda completa pedindo de porta em porta as esmolas para a reforma da nossa igreja e do cemitério”, comenta Osório. “O único problema é que os jovens de hoje são mais cansados. Antes a gente tocava a noite inteira, mas agora paramos às 22h para dormir”, ele comenta, aos risos.

Já o cortejo do compadre Alcides segue outra rota, passando por Engenho Fernandes, Goiabeiras, Cuiabá, Borba e Pedras. Os trajetos recomeçam no dia 3 e se encerram em 6 de janeiro, quando se comemora o Dia de Reis, segundo a tradição cristã. No final de cada giro, as folias se encontram na igreja para rezar, cantar e agradecer. A do mestre Osório chega primeiro, seguida da folia do mestre Alcides. Mas é ao fim do Dia de Reis que a grande festa, conhecida como “arremate”, acontece. “É a nossa farra, com muita comida, bebida e forró no pé”, conta Alcides.

Compadres Alcides e Osório: amizade das folias de reis para a vida





Versos de fé

Na Folia de Reis, cada verso tem uma função. Para chegar na casa de uma pessoa, para pedir e agradecer uma esmola, para entrar e louvar na igreja e por aí vai. Veja alguns deles:

Verso de entrada na capela:

“Bem em frente da Capela, /
nós afinamos os instrumentos. /
Para adorar o Menino Deus /
e o Santíssimo Sacramento.”

Verso dentro da Capela:

“Aqui no meio da Capela /
nós viemos cantar /
para adorar Menino Deus /
e Nossa Senhora do Pilar. /
Ela é nossa mãe querida /
e padroeira do lugar.”

Verso de despedida da Capela:

“Folião, vamos embora /
com prazer e alegria. /
Vamos despedir desse presépio /
Adeus, até outro dia.”



Foto: Daniela Etrusco

Os mestres Alcides e Osório se encontram com Francisco em frente à Capela Nossa Senhora do Pilar, em reforma com apoio de recursos da Folia





Foto: Daniela Etrusco

Suinocultura: paixão entre gerações

A criação de porcos caipiras já foi uma prática comum e que atravessou gerações nas casas e fazendas das famílias barralanguenses. Também chamada de suinocultura, ela ainda persiste, em menor escala, como uma das alternativas de renda para pequenos produtores rurais.

Cidney de Magalhães Gomes, de 73 anos, é comerciante e criador de porcos. Aprendeu tudo o que sabe vendo seu avô e seu pai na roça. Hoje afirma: “a criação vicia que nem cachaça. Lá na roça, a porca do meu avô fugiu e ninguém achava”. Ele também se diverte ao relembrar a infância. “Aí, um dia, alguém viu um buraco na raiz de mandioca perto do rio. Perceberam que tinha algo errado! Quando chegaram perto, a raiz estava saindo do outro lado do rio. Eles foram lá ver e acharam a porca do meu avô e mais 15 leitõezinhos”.

Como forma de acompanhar a evolução de sua criação, Cidney usa um pequeno bloco de anotações no qual mantém as principais informações das suas matrizes. Ali ele escreve a data que a porca entrou no cio, suas características físicas e o dia em que cruzou.

Roandes Geraldo Martins também seguiu os passos do pai. Hoje, tem a suinocultura como principal fonte de renda. As bolas de neve, como chama carinhosamente suas porcas matrizes, recebem um bom manejo alimentar para melhorar o desempenho no parto. Segundo o produtor, o desmame dos leitões ocorre em melhores condições e a matriz pode gerar até 12 leitões, que entre 4 e 6 meses de idade chegam a pesar de 80 e 120 kg.

Tanto Roandes quanto Cidney apostam na alimentação natural e orgânica, como raiz de mandioca, soja, milho, soro, cana e inhame, que são excelentes fontes de proteína para os suínos e ajudam no bom desempenho produtivo e reprodutivo, reduzindo o custo da alimentação e da produção. Outra grande vantagem da criação de porcos no sistema caipira é a produção de carne sem qualquer tipo de resíduo químico.

Para comprar os porcos, entre em contato com os produtores:

Roandes - (31) 98313-1679

Cidney - (31) 98231-2805

Cidney cuida da criação de porcos utilizando alimentação natural e orgânica



Pratas da Casa

Comida da Tequinha: doces e salgados para todos os gostos

Como não amar um salgadinho feito no capricho, bem crocante e sequinho, seguido de um delicioso doce caseiro? Em Barra Longa, a dupla Teresa das Graças Silva Xavier, a Teca, e sua irmã Lourdes Silva Souza, é responsável pelas comidinhas gostosas que são vendidas nas festas religiosas da comunidade. Na barraca montada em frente à igreja, além da boa comida, a “alegria e a diversão são garantidas!”, afirma Teca.

As irmãs mostram uma disposição invejável para o trabalho e muita simpatia. Todos os produtos são feitos de forma artesanal. Além de super saborosos e práticos, a variedade impressiona: entre eles, a tradicional coxinha de frango, esfirras, quibes e empadas servidos na hora ou para levar para casa. O pastel frito cheira de longe e é um dos mais pedidos na hora do lanche.

Quem prefere uma comida quente, tem os caldos de feijão, mandioca, canjiquinha e canjicão como opção. Para os amantes de doce caseiro, a goiabada, o doce de leite, o canudinho e o rocambole deixam qualquer um com água na boca.

Mas calma que tem mais. As irmãs trabalham com pedidos em grande quantidade para reuniões, festas e eventos. É só chamar, que elas vão até você para preparar uma refeição completa e saborosa.



Quer encomendar? Entre em contato com a Teca nos números:
(31) 3877-5302 ou (31) 98324-5110

Fotos: Daniela Etrusco

Fale com a gente



Central de Relacionamento
0800 031 2303



[fundacaorenova.org/
fale-conosco](http://fundacaorenova.org/fale-conosco)



[instagram.com/
fundacaorenova](https://www.instagram.com/fundacaorenova)



ouvidoria@fundacaorenova.org
0800 721 0717



Rua Matias Barbosa, 14
Centro - Barra Longa



[youtube.com/
fundacaorenova](https://www.youtube.com/fundacaorenova)